

E VIVA CUBA

4/1/59

COMO eu ia dizendo, acho que 1958 acabou mesmo de repente, antes da hora — tanta coisa eu pensar fazer esse ano e não fiz. Minha impressão é de que o juiz apitou o fim do jogo quando ainda faltavam uns 10 minutos, para prejudicar o nosso time.

Mas a virada do ano teve uma coisa boa: deu por terra com mais um ditador, o Batista, de Cuba. Ele reuniu seus ministros na noite de São Silvestre e disse que resolvera renunciar «para evitar derramamento de sangue». De seu próprio sangue, naturalmente, porque o dos outros ele derramou largamente através de anos de ditadura. Como Peron e Pérez Jiménez — e milionário, como eles, à custa do poder — ele se refugiou em Ciudad Trujillo. Cidade que, esperemos, não conservará mais por muito tempo esse nome, que é o do voraz e torvo ditador dominicano.

Pelos telegramas publicados até o momento em que escrevo, parece não haver dúvida de que o governo cubano será entregue a Manuel Urrutia, como exige Fidel Castro. A grande vitória pertence a este advogado grandão que em julho de 1953 atacou uma caserna à frente de 30 estudantes; foi condenado a 15 anos de trabalhos forçados, depois exilado, e que em 1956 desembarcou em Cuba com 42 homens dos quais só sobreviveram 11, que se refugiaram nas montanhas e começaram a lutar contra Batista. Luta extremamente corajosa que o ditador durante muito tempo quis levar ao ridículo, mas que foi se tornando cada dia mais séria — com golpes de mão, tática de guerrilhas, «promoções» publicitárias fantásticas como a prisão de funcionários americanos e do corredor Fangio e bombas terroristas explodindo por toda a ilha.

Que traz na cabeça esse Fidel Castro, além dos habituais propósitos de acabar com a corrupção e restaurar a democracia? A certa altura ele se pronunciou pela nacionalização das empresas de energia elétrica e outros serviços públicos em mãos de americanos e também por uma reforma agrária; falava também em assegurar para os trabalhadores 30 por cento dos lucros das empresas industriais. Seu movimento teve, porém, o apoio prático e financeiro de outras forças da oposição, de homens ricos, da mesma classe de seu pai, grande plantador de cana, e já agora é difícil descobrir nele qualquer coloração esquerdista. Quem andou se enfeitando de vermelho foi o ditador Batista, através de pequenas concessões e grandes promessas aos operários, feitas por intermédio do pelego-mor Mujal, presidente da Confederação de Trabalhadores. Tática já muito conhecida dos mais corruptos ditadores latino-americanos depois da última guerra; talvez agora, no exílio, o general Batista, que prostituiu longamente Cuba a todos os desígnios dos ricos americanos, resolva se apresentar como vítima do imperialismo...

Enfim, alegremo-nos: um ditador a menos nunca é demais.